



# RECORTES DE IMPRENSA

## SETEMBRO 2012



COM O APOIO:





# Televisão e democracia



**SENTIR  
O DIREITO**

**FERNANDA PALMA**

PROFESSORA CATEDRÁTICA DE DIREITO PENAL

Chegou a hora de discutir a questão do serviço público de televisão (e rádio) numa perspectiva substancial e não apenas formal. Desse debate, essencial para a democracia, deveremos extrair o significado da exigência constitucional de serviço público nos nossos dias. O debate não pode ser substituído pelo mero apelo à intervenção do Tribunal Constitucional.

De resto, tal apelo é, por agora, extemporâneo. A intervenção do Tribunal Constitucional só se justificará se vier a ser aprovada uma lei que preveja a concessão do serviço público a privados. Nesse caso, em vez de promulgar o diploma, o Presidente da República poderá requerer a sua fiscalização preventiva. Mas também poderá exercer o direito de veto político.

Por certo, o serviço público de televisão só pode ter como meta contribuir para o aprofundamento de valores constitucionais. Nesta perspectiva, não poderemos deixar debaixo do tapete as questões que têm sido esquecidas: tem havido um serviço de televisão que respeite os exigentes parâmetros do interesse público? Que serviço desejamos para o futuro?

A liberdade de expressão do pensamento, o acesso democrático à arte e à



ciência, a defesa da língua e da cultura portuguesas e uma informação isenta, que assegure o contraditório entre correntes de opinião, são valores constitucionais que o serviço público deve assegurar. Os atuais programas da televisão pública têm defendido esses valores?

O entretenimento, que em si não é incompatível com o serviço público, pode ter qualquer conteúdo e sobrepor-se aos programas de dimensão educativa ou cultural, a que só os canais por cabo dedicam espaço significativo? E o contraditório não terá de ser assegurado quanto aos comentadores que debitam as suas opiniões perante jor-

Tem havido um serviço de televisão que respeite os exigentes parâmetros do interesse público?

nalistas passivos?

A questão que se coloca é se os privados, portugueses ou estrangeiros, sem responsabilidade política perante ninguém, podem satisfazer estas exigências. Mesmo que a lei preveja com minúcia as condições de uma concessão ou de uma privatização, a responsabilidade do governo pela qualidade do serviço público dilui-se e a voz dos cidadãos deixa de se fazer ouvir.

Quem, encarando a questão formalmente, não vir inconstitucionalidade alguma numa concessão a privados esquece que o problema diz respeito às condições políticas e materiais necessárias para efetivar o interesse público. O que está em causa é a "democracia do intelecto", de que falava sabiamente Carl Sagan num grande programa de televisão sobre a ciência.

Coluna segundo as regras do Acordo Ortográfico

## O FACTO

### Troika

Os técnicos da troika estão em Portugal para efetuar a quinta revisão do programa de assistência.



### Paralímpicos

Decorrem em Londres os jogos paralímpicos, com uma participação relevante dos portugueses.

### Violência doméstica

Desde 2000, 19 vítimas de violência doméstica, em média, dirigiram-se diariamente à APAV.





**FRASE**

**“ Os crimes es-  
tão a tornar-se  
mais violentos, as  
metodologias mais  
violentas e isso re-  
flecte-se na área da  
violência domésti-  
ca. Há maior sofisti-  
cação**

**João Lázaro**  
Director-Executivo  
da Associação  
de Apoio à Vítima





ID: 43619719

06-09-2012

# Vítimas de crimes patrimoniais procuram cada vez mais a APAV

DIREITOS RESERVADOS

Pedidos de ajuda à APAV por parte de vítimas de crimes patrimoniais aumentou. Associação nota também incremento da violência doméstica

**CARLA ORMONDE**  
acorianooriental@acorianooriental.pt

Os pedidos de ajuda à Associação de Apoio à Vítima (APAV) por parte das vítimas de crimes patrimoniais tem vindo a aumentar na região, conforme adianta Helena Costa, coordenadora da APAV nos Açores.

“As pessoas têm-nos procurado mais relativamente ao ano passado, não só as vítimas de violência doméstica, como também as de crimes patrimoniais”, adiantou a coordenadora da APAV.

As pessoas que tem vindo a procurar de forma crescente o auxílio da Associação são essencialmente as vítimas de furtos, no entanto, também há registo de procura por parte das vítimas de roubos e de danos patrimoniais.

“As pessoas têm-nos procurado por furto nas suas residências, nas suas viaturas, agora, não tem acontecido tanto as situações de roubo, uma vez que o roubo já implica o uso de violência para a apropriação dos bens”, explica Helena Costa.

Conforme afirma a mesma, o aumento dos pedidos de auxílio deve-se à conjuntura económica atual.

“Nestas conjunturas há uma tendência para o aumento dos crimes patrimoniais”, explicita, acrescentando que a APAV já estava preparada para este incre-



Vítimas de furto, roubo e danos procuram cada vez mais a APAV

mento, e desta forma a associação tinha preparado um plano de contingência relacionado com a gestão dos recursos humanos.

“Atualmente temos os recursos humanos mais preparados na área dos crimes patrimoniais porque esta era uma área pouco comum para nós”, afirmou a coordenadora regional da APAV, sublinhando que o apoio dado às vítimas deste tipo de crimes é diferenciado da orientação facultada às vítimas de violência do-

méstica.

“O furto requer uma melhor preparação, sobretudo, por parte dos juristas”, especificou.

## Violência doméstica aumenta

O número de vítimas de violência doméstica que procuram a Associação de Apoio à Vítima também sofreu um incremento neste verão na região, aliás, à semelhança do sucedido a nível nacional.

“Relativamente à violência do-

méstica nos Açores, os números seguem a mesma tendência dos dados a nível nacional, pois temos notado que existem mais situações denunciadas”, adiantou Helena Costa, explicitando, no entanto, que os dados da APAV, discriminados por distrito, só vão ser divulgados em fevereiro do próximo ano.

“Este facto - aumento de violência - está relacionado com a crise porque famílias que poderiam já não estar a funcionar muito bem em termos de dinâmica, agora, com as dificuldades, tentam pagar os seus compromissos e ao final do mês não o conseguem”, explica, salientando que estes elementos levam a uma tensão

## A crise pode levar a situações de tensão acrescida, podendo suscitar violência doméstica

acrescida que podem suscitar situações de violência doméstica, “sobretudo psicológica”.

Outro dos fatores apontados por Helena Costa como potenciador de violência no lar é o aumento do desemprego.

“Faz com que as pessoas fiquem mais tempo em casa, logo, há mais contacto entre o casal, e se já não se davam bem percebemos o problema...”, elucida.

A coordenadora regional da APAV refere ainda que “há inúmeras situações” relacionadas com o desemprego que podem potenciar a violência doméstica o que tornou expectável o aumento verificado.\*





ID: 43621435

06-09-2012

APAV

# Agressões domésticas têm aumentado no Verão

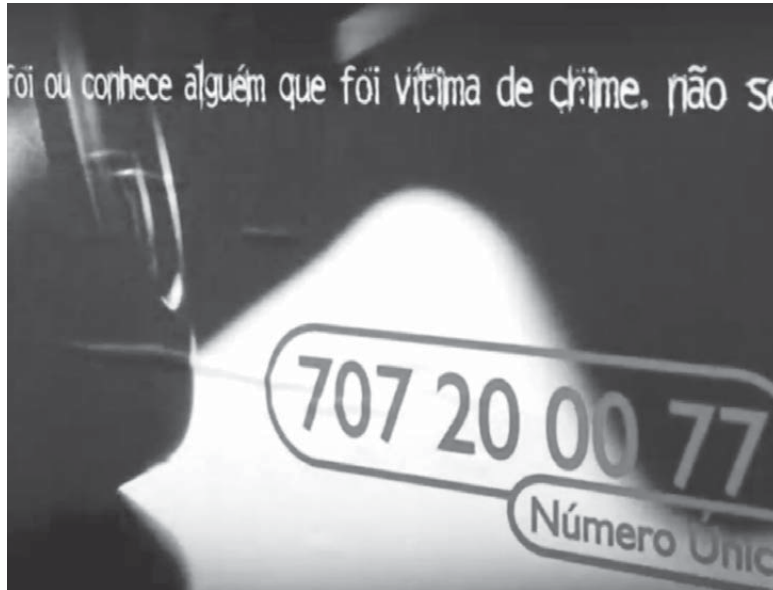
**Desde o início do ano são já 20 as mulheres que morreram assassinadas pelos companheiros ou ex-companheiros, noticia a imprensa.**

O número de casos de violência doméstica aumenta no Verão devido à maior convivência entre casais, defende o director-executivo da Associação de Apoio à Vítima (APAV), que sublinha a agressividade crescente e a contribuição da crise para os atritos.

“Há convicção de quem está no terreno que no Verão, a partir do momento em que há maior convivência, acaba por acontecer a violência”, afirmou à Lusa João Lázaro.

Ainda que não exista uma relação causa-efeito, a crise financeira também pode levar à violência, referiu o responsável da APAV, lembrando que “a pressão económica e a falta de trabalho são situações que podem proporcionar mais um factor que leva à agressão e aos atritos”.

Um relatório realizado pelo Observatório das Mulheres Assassinadas e hoje citado pelo “Diário de Notícias” indica



que, só no primeiro semestre deste ano, foram mortas 20 mulheres em contexto conjugal.

Ouvida pelo jornal, a psicóloga Cecília Loureiro, colaboradora da União de Mulheres Alternativa e Resposta referiu que “20 casos no primeiro semestre deste ano é muito se considerarmos que em todo o ano de 2011 houve 27 mulheres assassinadas, segundo o Observatório”.

O director executivo da APAV admite que a subida “é preocupante”, mas sublinha um outro fenómeno: o aumento da violência dos crimes. “Os crimes estão a tornar-se mais violentos, as metodologias estão mais violentas e isso reflete-se na área da violência doméstica”, disse.

Aumento da violência que pode passar pelas armas usadas - “seja armas brancas quer de toalhas molhadas retorcidas” - mas também pelos métodos de agressão.



# Agressões domésticas têm aumentado e métodos são cada vez mais violentos

●●● O número de casos de violência doméstica aumenta no verão devido ao maior convívio entre casais, defende o diretor-executivo da Associação de Apoio à Vítima, que sublinha a agressividade crescente e a contribuição da crise para os atritos.

"Há convicção de quem está no terreno que no verão, a partir do momento em que há maior convívio, acaba por acontecer a violência", afirmou à Lusa João Lázaro.

A subida dos números no verão pode explicar-se "por haver mais tempo do agressor e da vítima em casa e daí haver mais violência", avança o responsável da APAV, adiantando que a crise tam-

bém contribui para o problema.

Ainda que não exista uma relação causa-efeito, a crise financeira também pode levar a violência, referiu João Lázaro, lembrando que "a pressão económica e a falta de trabalho são situações que podem proporcionar mais um fator que leva à agressão e aos atritos".

Um relatório realizado pelo Observatório das Mulheres Assassinadas e ontem citado pelo DN indica que, só no primeiro semestre deste ano, foram mortas 20 mulheres em contexto conjugal.

Ouvida pelo jornal, a psicóloga Cecília Loureiro, colaboradora da União de Mulheres Alternativa e Resposta referiu



que "20 casos no primeiro semestre deste ano é muito se considerarmos que em todo o ano de 2011 houve 27 mu-

lheres assassinadas, segundo o Observatório".

O diretor-executivo da APAV admite que a subida "é preo-

cupante", mas sublinha um outro fenómeno: o aumento da violência dos crimes.

"Os crimes estão a tornar-se mais violentos, as metodologias estão mais violentas e isso reflete-se na área da violência doméstica", disse.

"Assim como a criminalidade violenta de assaltos utiliza novos meios e metodologias, atualmente vê-se um grau maior de sofisticação – se assim se pode dizer – nos meios utilizados" na violência doméstica, explicou João Lázaro.

Aumento da violência que pode passar pelas armas usadas – "seja armas brancas quer de toalhas molhadas retorcidas" – mas também pelos métodos de agressão.





06-09-2012

***Mulheres: Agressões domésticas têm aumentado e métodos são cada vez mais violentos***

O número de casos de violência doméstica aumenta no verão devido ao maior convivência entre casais, defende o diretor-executivo da Associação de Apoio à Vítima, que sublinha a agressividade crescente e a contribuição da crise para os atritos.

“Há convicção de quem está no terreno que no verão, a partir do momento em que há maior convivência, acaba por acontecer a violência”, afirmou à Lusa João Lázaro. A subida dos números no Verão pode explicar-se “por haver mais tempo do agressor e da vítima em casa e daí haver mais violência”, avança o responsável da APAV, adiantando que a crise também contribui para o problema. Ainda que não exista uma relação causa-efeito, a crise financeira também pode levar a violência, referiu João Lázaro, lembrando que “a pressão económica e a falta de trabalho são situações que podem proporcionar mais um fator que leva à agressão e aos atritos”.

Um relatório realizado pelo Observatório das Mulheres Assassinadas e ontem citado pelo DN indica que, só no primeiro semestre deste ano, foram mortas 20 mulheres em contexto conjugal.

**Mulheres**

## Agressões domésticas têm aumentado e métodos são cada vez mais violentos



O número de casos de violência doméstica aumenta no verão devido ao maior convívio entre casais, defende o diretor-executivo da Associação de Apoio à Vítima, que sublinha a agressividade crescente e a contribuição da crise para os atritos.

“Há convicção de quem está no terreno que no verão, a partir do momento em que há maior convívio, acaba por acontecer a violência”, afirmou à Lusa João Lázaro.

A subida dos números no verão pode explicar-se “por haver mais tempo do agressor e da vítima em casa e daí haver mais violência”, avança o responsável da APAV, adiantando que a crise também contribui para o problema.

Ainda que não exista uma relação causa-efeito, a crise financeira também pode levar a violência, referiu João Lázaro, lembrando que “a pressão económica e a falta de trabalho são situações que podem proporcionar mais um fator que leva à agressão e aos atritos”.

Um relatório realizado pelo Observatório das Mulheres Assassinadas e hoje citado pelo DN indica que, só no primeiro

semestre deste ano, foram mortas 20 mulheres em contexto conjugal.

Ouvida pelo jornal, a psicóloga Cecília Loureiro, colaboradora da União de Mulheres Alternativa e Resposta referiu que “20 casos no primeiro semestre deste ano é muito se considerarmos que em todo o ano de 2011 houve 27 mulheres assassinadas, segundo o Observatório”.

O diretor executivo da APAV admite que a subida “é preocupante”, mas sublinha um outro fenómeno: o aumento da violência dos crimes.

“Os crimes estão a tornar-se mais violentos, as metodologias estão mais violentas e isso reflete-se na área da violência doméstica”, disse.

“Assim como a criminalidade violenta de assaltos utiliza novos meios e metodologias, atualmente vê-se um grau maior de sofisticação - se assim se pode dizer - nos meios utilizados” na violência doméstica, explicou João Lázaro.

Aumento da violência que pode passar pelas armas usadas - “seja armas brancas quer de toalhas molhadas retorcidas” - mas também pelos métodos de agressão.



■ **SÓ NO PRIMEIRO SEMESTRE DESTA ANO FORAM MORTAS 20 MULHERES**

# Mais agressões em casa

**A subida dos números no verão pode explicar-se "por haver mais tempo do agressor e da vítima em casa e daí haver mais violência", avança o responsável da APAV, adiantando que a crise também contribui para o problema.**

O número de casos de violência doméstica aumenta no verão devido ao maior convívio entre casais, defende o diretor-executivo da Associação de Apoio à Vítima, que sublinha a agressividade crescente e a contribuição da crise para os atritos.

"Há convicção de quem está no terreno que no verão, a partir do momento em que há maior convivência, acaba por acontecer a violência", afirmou à Lusa João Lázaro.

A subida dos números no verão pode explicar-se "por haver mais tempo do agressor e da vítima em casa e daí haver mais violência", avança o responsável da APAV, adiantando que a crise também contribui para o problema.



**A violência doméstica continua a ser um flagelo da sociedade.**

**Só no primeiro semestre deste ano foram mortas 20 mulheres em contexto conjugal.**

Ainda que não exista uma relação causa-efeito, a crise financeira também pode levar a violência, referiu João Lázaro, lembrando que "a pressão económica e a falta de trabalho são situações que podem proporcionar mais um fator que leva à

agressão e aos atritos".

Um relatório realizado pelo Observatório das Mulheres Assassinadas e ontem citado pelo DN indica que, só no primeiro semestre deste ano, foram mortas 20 mulheres em contexto conjugal. □

## Violência cresce com o convívio no verão

**OS CASAIS** convivem mais no verão e por isso aumenta a violência doméstica, diz o diretor da Associação de Apoio à Vítima, que sublinha ainda que estamos a assistir a uma agressividade crescente por causa da crise.

---





**SOCIEDADE** Medo e descrença na justiça justificam sofrimento em silêncio

# Apenas um terço das vítimas de violência doméstica faz queixa

No fim do mês de Julho contava-se um total de **70 agressores em prisão preventiva** a aguardar julgamento.

**CARLA MARINA MENDES**  
cmendes@destak.pt

À descrença na Justiça, que não raras vezes tarda, junta-se o medo das represálias. Depois, há ainda a dependência do agressor, motivos que levam muitas vítimas de violência doméstica a sofrer em silêncio. É que, segundo as estimativas da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), apenas um terço do total destes casos chega ao conhecimento das autoridades policiais. E menos ainda é o número dos agressores que acabam condenados.

A confirmação é dada à Lusa por Marta Silva, coordenadora do núcleo da violência doméstica e violência de género da CIG. Contas feitas, em Julho de 2012 havia 70 pessoas em prisão preventiva a aguardar julgamento e 192 condena-



JOÃO CORTESÃO/CM

Estima-se que cheguem às autoridades 30 mil queixas anuais

das, num total de 262 a cumprir pena de prisão por este crime, de um total de 30 mil queixas anuais. «Se estimarmos que estas 30 mil que che-

gam às polícias são elas próprias apenas um terço da criminalidade, quantas não serão no total?», questiona a especialista. Perceber o que justi-

fica este número é por isso, defende, «importante».

## Reforço das campanhas

Têm sido várias as campanhas que incentivam à denúncia destas situações. Campanhas que, de acordo com Fátima Duarte, presidente da CIG, devem ser reforçadas. E são os números que, mais uma

...  
**20**

**mulheres morreram em contexto conjugal no primeiro semestre**

vez, o justificam: só no primeiro semestre deste ano, 20 mulheres perderam a vida em contexto conjugal. O que significa, refere, que os apoios às vítimas não parecem «suficientes e não logram os seus efeitos. Por muito que haja Códigos Penais, por muito que haja sistemas de prevenção, o que é certo é que isso nunca acabou com o crime».

## O QUE FAZER EM CASO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

**1**

### FALAR e denunciar

Pedir socorro ou procurar refúgio e auxílio junto de vizinhos, amigos ou de outras pessoas que, mais tarde, podem vir a servir de testemunhas é o primeiro passo que a vítima deve tomar depois de uma agressão. É sempre mais fácil aconselhar do que fazer, mas o desejável é que se mantenha calma, evitando sobretudo o sentimento de pânico.

**2**

### PROCURAR ajuda médica

Contactar o 112 é o passo seguinte. As vítimas de violência doméstica devem ainda procurar ser tratadas e observadas num hospital, num posto médico, num centro de saúde ou junto de um médico particular. Um conselho que é válido mesmo quando não há sinais visíveis de uma agressão. Se possível deve solicitar-se companhia a um familiar ou amigo.

**3**

### DENUNCIAR o crime à polícia

Na posse dos seus elementos de identificação (bilhete de identidade, passaporte ou outro) deve dirigir-se a uma esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP), posto da Guarda Nacional Republicana (GNR), piquete da Polícia Judiciária (PJ) ou directamente junto dos Serviços do Ministério Público para apresentar queixa criminal e exigir um documento comprovativo dessa queixa.

**4**

### APOIO junto de quem ajuda

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima destina-se a prestar às vítimas apoio emocional e apoio especializado de forma gratuita e confidencial. Reconhecendo que os utentes que recorrem aos seus serviços têm necessidades específicas, que reclamam, por isso, intervenções especializadas, promove apoio jurídico, psicológico e ainda apoio social.

Fonte: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima



# Violência doméstica já fez 30 vítimas

Este ano já houve **mais homicídios do que em todo o ano de 2011**. Separações na origem da maioria das mortes

Quando o corpo da educadora de infância **Paula Guedes** tomou no jardim da casa da mãe, atingido por dois tiros de caçadeira, o primeiro na cabeça, o outro nas costas, a lista nacional de vítimas de violência doméstica registou a 30ª morte do ano: 3 de setembro, mulher de 49 anos assassinada pelo ex-marido, em Serzedo (Gaia).

Ainda 2012 está longe do fim e já há mais três mortes do que em todo o ano passado. O total de 2011 (27) foi ultrapassado segunda-feira, data da certidão de óbito de **Paula Guedes** e de **Maria Fernanda**, 52 anos, baleada em Boticas, e **Maria José Costa**, 48 anos, estrangulada em Olhão.

A cada mês registaram-se, em média, quatro homicídios conjugais, um por semana, 22 mulheres e 8 homens, a maioria entre os 31 e os 50 anos, assassinados quase todos com armas de fogo (13) e armas brancas (9), todos com ligações afetivas ou familiares, ativas ou cortadas, com o agressor. As cidades, e principalmente a Grande Lisboa, lideram enquanto palco dos homicídios conjugais — já não é exclusivo de povoações pequenas e rurais.

Este aumento das mortes em contexto de violência doméstica não surpreende quem lida com o fenómeno em Portugal. Já era expectável que a crise económica contribuisse para a subida

dos números e anulasse o decréscimo registado em 2011, explica João Lázaro, diretor-executivo da Associação de Apoio à Vítima (APAV). O desemprego obriga a maior convivência em casa, a falta de dinheiro cria dívidas, as dívidas originam discussões — “a pressão económica e a falta de trabalho podem ser um fator que leva à agressão e aos atritos”, revela João Lázaro.

Se já há um historial de violência ou uma depressão que se instala, as consequências são imprevisíveis. Jeremias Medeiros,

**Foram quatro mortes por mês, uma por semana, 22 mulheres e 8 homens mortos, a maioria entre os 31 e os 50 anos**

54 anos, não andava a tomar a medicação. É a única razão encontrada pelos vizinhos de Alturas do Barroso (Boticas) para o agricultor ter morto a mulher, **Maria Fernanda**, com várias facadas no pescoço e um tiro no rosto.

Um dia antes, foi também a depressão a causa apontada para **Álvaro Lourenço**, 65 anos, professor de economia aposentado, assassinar a ex-mulher **Deolinda Devesa**, de 51, docente de inglês, com cinco tiros numa rua

de Lagos. Estavam separados há três anos. **Álvaro** matou-se com a última bala. Este ano, sete homicidas suicidaram-se após o crime.

**Não é minha, não é de ninguém**

Olhando para a história da vida — e do dia da morte — de cada uma das trinta vítimas de 2012, que o Expresso contabilizou, percebe-se que mais do que entre marido e mulher, é principalmente entre “ex” que a violência é exercida de forma letal.

**Maria da Luz**, 35 anos, professora de geografia, foi esfaqueada pelo ex-marido, em Braga. Estavam separados há quatro meses. O filho de dois anos estava em casa na altura do crime. **Joaquim Carreira**, 36, foi baleado na cabeça pelo marido, em Agueda (Póvoa de Varzim). Tinha pedido o divórcio no dia anterior, depois de dez anos de casamento e quatro de violência. **Helena Branco**, 50, foi morta em Loures pelo ex-namorado. A relação terminara há dois meses após três anos de agressões. O homicida esperou que **Helena** chegasse do emprego e baleou-a ainda no carro. Antes, em casa, matou-lhe o filho, **André Simões**, universitário de 24 anos.

“As mulheres estão a quebrar o ciclo de violência”, explica a so-

## MORTES NO MASCULINO

# 3

homicídios ocorreram entre casais homossexuais: **Álvaro Moraes**, 42 anos, foi morto a tiro de caçadeira pelo ex-companheiro, em Chelas; num andar de luxo da capital.

**Pedro Parreira**, 47 anos, foi estrangulado pelo namorado; na Ilha de São Miguel, **José Pimentel**, 67 anos, foi degolado pelo namorado, de 32

# 2

mulheres mataram os maridos. **Elísio Ribeiro**, 52 anos, foi baleado pela mulher, no Porto; e, no primeiro mês do ano, **Borden**, 48 anos, imigrante ucraniano há dez em Portugal, foi esfaqueado pela mulher, contra quem já tinha apresentado queixas à PSP

cióloga **Elza Pais** no seu estudo sobre o homicídio conjugal em Portugal. “Estão a pedir o divórcio, a sair de casa, a recomeçar vidas novas. Mas eles não admitem essa autonomia e perseguem-nas mais. É por isso que a vítima já não é só a mulher, mas a ex-mulher, a ex-companheira, o novo namorado dela”, conclui.

## Mortas apesar das queixas

Antes, **Helena Branco** apresentava várias queixas. O homicida estava proibido pelo tribunal de se aproximar da família. Não cumpriu. Tal como o pescador **António de Sousa** quando assassinou com quatro tiros a queima-roupa **Ana Paula Sousa**, de 45 anos, em plena rua, na Moita. Foi sua mulher durante mais de 20 anos, tinham três filhos, mas **Ana Paula** saíra de casa há dois meses, farta das agressões. Apresentou queixa na PSP e APAV. Ele matou-a à porta da discoteca **Kleopatras**, depois da matiné.

“Quantas mais mulheres têm de morrer para que a Justiça perceba que estes agressores não podem ficar em liberdade? De que vale terem um papel a dizer que tem de ficar a não sei quantos metros de distância? Eles não cumprem e continuam a agredi-las e acabam por matá-las. A Justiça não está a defender estas mulheres”, insurge-se

**Maria José Magalhães**, presidente da UMAP, a associação que contabiliza os homicídios conjugais em Portugal.

Metade das vítimas mortais de 2012 estavam ou tinham estado em relações com historial de violência, um terço tinha apresentado queixas formais e quatro tinham ordem de restrição do tribunal, que limitavam a aproximação dos agressores. **Magda Dionísio**, 22 anos, grávida de oito meses, foi esfaqueada pelo ex-namorado em junho. Nem ela nem o bebé sobreviveram. Em 14 meses, **Magda** e a família tinham apresentado 47 queixas contra o homicida, por agressões e ameaças de morte. Mas nunca foi emitida qualquer ordem de prisão. Quase um ano após a primeira queixa, deram a **Magda** o estatuto de vítima de violência doméstica. Um mês antes do crime, o tribunal proibiu **Nuno Inácio** de se aproximar da vítima. Mais um que incumpriu.

“E agora? E agora quem é que me devolve a filha e o neto que nem nasceu? Quem me explica porque a Justiça não a protegeu se ela pediu ajuda 47 vezes?”, revolta-se **Eulália Dionísio**, mãe de **Magda**, que está a preparar, juntamente com a família, um processo contra o Estado “por não proteger quem se queixou”.

**RAQUEL MOLEIRO**

rmoleiro@expresso.imprensa.pt



VIZINHA DE MULHER ASSASSINADA



Marisa Abreu (à dir.) foi ameaçada de morte

## AGREDIDA PELO EX-NAMORADO

● RUI PANDO GOMES

**U**ma mulher foi agredida à estalada pelo ex-namorado, em plena rua, ontem ao final da tarde em Olhão. Marisa Carla Abreu, de 38 anos, mora no mesmo prédio – um andar abaixo – de uma mulher que foi assassinada na segunda-feira. “Deu-me duas estaladas e disse-me que me matava se não voltasse para ele”, contou ao **CM** a vítima, que receia agora sair de casa e teme pela vida. Marisa chamou a PSP, que tentava ontem localizar o agressor. “Estamos separados e ele está sempre a telefonar-me e a tocar à campainha de casa”, recordou a mulher ao **CM**, revelando ainda que vai apresentar queixa na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. ■



Atual 2 Pulseira eletrónica



**Duarte Lima**

Duarte Lima passou pelo Estabelecimento Prisional da Polícia Judiciária. Porém, novas declarações prestadas no seu processo e outras que terá feito relativas a uma rede de lavagem de dinheiro que operava em Portugal levaram o procurador Rosário Teixeira a pedir a alteração da medida de coação de prisão preventiva para a chamada prisão domiciliária com pulseira eletrónica. Esta é a atual situação do antigo líder parlamentar do PSD, que é suspeito de fraude fiscal, burla qualificada e branqueamento de capitais num caso ligado ao BPN.



**Vale e Azevedo**

Vale e Azevedo bem tentou, mas não teve a mesma sorte que outros arguidos famosos. Durante o tempo em que esteve na cadeia, o antigo presidente do Benfica ainda clamou pela pulseira eletrónica mas, recorde-se, na altura o sistema ainda não estava em funcionamento em Portugal. Vale e Azevedo chegou a estar preso em casa mas, em vez de uma pulseira eletrónica que lhe controlaria os movimentos, teve a companhia de militares da GNR.

# Quase uma centena de condenados cumpre pena de cadeia em casa

**Dados.** Juízes recorrem cada vez mais à pulseira eletrónica, seja como medida de coação ou como forma de cumprir uma pena de prisão. Há 721 pessoas com o aparelho. Apenas 3% dos arguidos infringem regras do sistema

CARLOS RODRIGUES LIMA

António Ferreira da Silva, engenheiro suspeito de matar a tiro o genro e cujo vídeo do acontecimento circulou na Internet, pode sair de casa durante duas horas para dar uma volta no quintal da casa. A autorização foi concedida recentemente pelo Tribunal de Oliveira do Bairro que, há um ano, tinha colocado Ferreira da Silva no regime de "obrigação de permanência na habitação", vulgarmente designado por prisão domiciliária. Ferreira da Silva, que começou na semana passada a ser julgado, é um dos 263 arguidos em processos-crime a quem, até junho deste ano, os tribunais aplicaram esta medida de coação.

A pulseira eletrónica entrou na moda nos tribunais. A taxa de sucesso é de 97%, o que quer dizer que só 3% dos arguidos neste sistema infringiu as regras.

Para além de poder ser aplicada como medida de coação (que, fruto da mediatização de alguns processos, acaba por ser a modalidade mais conhecida), os juízes podem ainda recorrer à pulseira eletrónica em mais três situações: para o cumprimento de penas efetivas de prisão (se forem inferiores a um ano ou caso seja este o tempo que falta cumprir na cadeia), como medida de acompanhamento da liberdade condicional e, finalmente, para casos de violência doméstica em que seja necessário uma vigilância efetiva à proibição de contactos entre o agressor e a vítima. Ao todo, 721 pes-

soas estão, atualmente, sob este regime que entrou em vigor em 2002.

Os últimos números da Direção-Geral de Reinserção Social (entidade que coordena e fiscaliza a aplicação do sistema) revelam que, desde 2007, os juízes já condenaram 856 pessoas a cumprir pena de prisão em casa. Atualmente, existem 95 arguidos nesta situação. Uma consulta pela base de dados dos tribunais ([www.dgsi.pt](http://www.dgsi.pt)) revela que este tipo de pena (que requer o consentimento do arguido) tem sido aplicada muitas vezes em casos de reincidência de condução sob o efeito do álcool.

A partir de 2009, os suspeitos de violência doméstica também podem ficar sob este regime. Até agosto deste ano, 99 arguidos estavam nesta situação. Segundo dados da Di-

reção-Geral dos Serviços Prisionais (DGSP), a maioria das 721 pessoas que se encontra em vigilância eletrónica situa-se na Área Metropolitana de Lisboa (244), seguindo-se o Norte (236), o Centro (119), o Sul (70) e as Regiões Autónomas (42). Com a vigilância eletrónica que obriga à permanência na residência, o Estado poupa uma média, por pessoa, superior a 30 euros.

**Juízes sem acesso a base de dados**

Segundo a DGSP, tendo em conta valores de 2011, a vigilância eletrónica convencional custa 16,35 euros, quando o custo médio diário por recluso é de 47,81 euros. Das pessoas agora em vigilância eletrónica em Portugal, 500 estão obrigadas a ficar em casa, em cumprimento de uma medida de coação.



## Oliveira e Costa

Depois de uma temporada no Estabelecimento Prisional da Polícia Judiciária, Oliveira e Costa, antigo presidente do BPN, acusado de vários crimes, passou, por pedido do Ministério Público, para o regime de obrigação de permanência na habitação com vigilância eletrónica. O arguido

do caso BPN requereu a alteração da medida de coação, invocando para isso o seu estado de saúde. O procurador do processo, Rosário Teixeira, acabou por propô-lo ao juiz Carlos Alexandre que não teve outro remédio se não tirar Oliveira e Costa da prisão e colocá-lo em casa.



Apesar da sofisticação da tecnologia e da alta taxa de sucesso deste sistema, juízes e procuradores do Ministério Público continuam sem ter acesso a uma base de dados central que lhes permita saber se um arguido se encontra a cumprir uma medida de obrigação de permanência na habitação numa comarca qualquer ou se infringiu tal situação.

"Ninguém sabe quais as medidas de coação que cada arguido tem em processos diferentes, muito menos quais as violadas", tinha já alertado, em declarações ao DN, Rui Cardoso, presidente do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público. Para colmatar esta lacuna, o Governo está a preparar a introdução nos tribunais de uma aplicação informática que permita aos juízes e procuradores o acesso à informação básica sobre um arguido. Sobretudo se já cometeu crimes noutra comarca, se tem de cumprir uma medida de coação e se, no caso da pulseira eletrónica, já violou essa medida.

Para já, o AGIC (Aplicação de Gestão do Inquérito) está em fase experimental no Departamento de Investigação e Ação Penal de Lisboa. Depois desta fase, que terminou em abril, o Governo pretende lançar um caderno de encargos para um concurso de desenvolvimento deste sistema, de forma a alargá-lo à maioria dos tribunais e departamentos do Ministério Público.

## Uma medida aplicada na violência doméstica

**NOVA LEI** A partir de 2009, juízes puderam recorrer ao regime da pulseira aos suspeitos de agressões. Atualmente, 99 arguidos estão nesta situação

Quase uma centena de pessoas encontra-se atualmente em prisão domiciliária com pulseira eletrónica, em Portugal, por crimes de violência doméstica, segundo dados oficiais da Direção-Geral de Reinserção Social (DGRI). No total, nesta situação, estão em vigilância eletrónica 99 arguidos, encontrando-se obrigados a ficar em casa e com proibição de contactos.

Segundo dados divulgados este mês pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a associação recebe uma média de 19 denúncias de violência doméstica por dia, o que aponta para mais de 76 mil casos nos últimos 11 anos. Só no ano passado, a APAV recebeu 591 casos de pedidos de ajuda por violência doméstica.

A aplicação do regime da pulseira eletró-

nica aos suspeitos de violência doméstica só foi possível após a entrada em vigor da Lei 112/2009, que deu aos juízes a possibilidade de aplicarem a pulseira eletrónica nestes casos. O que, paulatinamente, tem sido feito, sobretudo como forma de controlar uma outra medida de coação: a proibição de contactos entre o suposto agressor e a vítima. Sendo certo que o regime da vigilância eletrónica também pode ser aplicado como pena acessória numa condenação.

Os números da Direção-Geral de Reinserção Social mostram um aumento na aplicação desta medida de coação. Em 2009, quando a lei entrou em vigor, a pulseira foi aplicada em três casos de violência doméstica. No ano seguinte, o número cresceu para 30. Em 2011, 66 suspeitos de violência doméstica estavam com pulseira eletrónica, número que subiu para 79 entre janeiro e junho deste ano. Em 72% do total de pulseiras aplicadas, estas só foram retiradas devido à extinção ou revogação da medida de coação. A DGRI apenas registou incumprimentos ou violações em 5% dos casos.

# P&R

### • O que é o sistema de vigilância eletrónica?

Atualmente pode ser usada na fiscalização da medida de coação de obrigação de permanência na habitação, na execução da pena de prisão em regime de obrigação de permanência na habitação e na execução da adaptação à liberdade condicional. Pode ainda ser usada na fiscalização da proibição de contactos entre vítima e agressor no âmbito do crime de violência doméstica.

### • Quem determina a aplicação da pulseira eletrónica?

Nos casos de aplicação como medida de coação, compete ao juiz de instrução a decisão de submeter um arguido ao regime, após proposta do Ministério Público. Quando estiver em causa a aplicação para cumprimento de prisão, a decisão é de um juiz de julgamento (com a concordância do arguido). Se a pulseira for para cumprir um último ano de uma pena de prisão, aí é um juiz de execução de penas.

### • O sistema é seguro?

Globalmente sim. Apenas em 3% dos casos de aplicação da pulseira eletrónica é que se verificou incumprimento por parte do arguido.

### • Como funciona o sistema?

Depois da decisão de aplicação da pulseira eletrónica, compete à Direção-Geral de Reinserção Social (ex-Instituto de Reinserção Social) fazer todo o acompanhamento do processo, desde a sua colocação à retirada. Para submeter um arguido ao regime, é preciso que este tenha em casa eletricidade e uma linha telefónica. O sistema permite saber se o arguido sai ou entra na habitação, se danifica, tenta danificar ou retira o aparelho ou se desloca a unidade de monitorização local ou a desliga da energia elétrica ou da rede de telecomunicações.

### • Como é que os tribunais recebem informação sobre o cumprimento da medida?

Os serviços de reinserção social enviam ao tribunal um relatório trimestral sobre a execução da medida e o desempenho do arguido. Sempre que se verifiquem anomalias graves que ponham em causa o cumprimento ou que violem a integridade da decisão judicial, é elaborado um relatório de anomalias.

### • Em que situações se pode recorrer à pulseira eletrónica?

Atualmente, em quatro: como medida de coação de obrigação de permanência na habitação, como pena de prisão e remanescentes até um ano (ou dois, em casos excecionais), como forma de monitorizar um condenado na sua adaptação à liberdade condicional e como método para fiscalizar a proibição de contactos entre um suspeito de violência doméstica e a vítima.

### • O sistema informático da Direção-Geral de Reinserção Social é seguro?

O organismo do Ministério da Justiça garante a total segurança do sistema que controla as pulseiras eletrónicas, afirmando que o mesmo é impenetrável, devido aos "sucessivos mecanismos de segurança" existentes.



SANTARÉM ■ FOI ASSISTIDO NO HOSPITAL DE SANTA MARIA

# Cortou pénis de médico

■ Jovem de 19 anos diz que era maltratada e foi levada para uma casa de abrigo da APAV

■ JOÃO NUNO PEPINO/MAGALI PINTO

Um médico guineense, de 60 anos, deu entrada esta madrugada nas Urgências do Hospital de Santa Maria com um guardanapo enrolado à volta do pénis, após ter sido atacado com uma tesoura por uma jovem de 19 anos, com quem residia na aldeia de Romeira, perto de Santarém. O golpe foi feito na sequência de uma das brigas e cenas de violência doméstica frequentes entre ambos, tendo o médico conseguido travar a hemorragia.

A jovem foi entretanto recolhida para um local seguro pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Também natural da Guiné, a jovem relatou que tem sido vítima de agressões físicas e psicológicas continuadas, que é obrigada a fazer todo o tipo de tarefas domésticas sem vencimento e que vive privada da liberdade há cerca de um ano, desde que o médico a foi buscar ao seu país de origem.

Por seu turno, no hospital de Lisboa, onde foi suturado no pénis com vários pontos, o clínico

## ✎ PORMENORES

### ● CASA DE ABRIGO

A jovem foi levada pela APAV e estará numa casa de abrigo. Se o médico apresentar queixa, poderá ser alvo de um processo-crime.

### ● CASA ISOLADA

Segundo os habitantes, o médico comprou a casa na Romeira há cerca de quatro ou cinco anos. A moradia é isolada.

### ● COOPERAÇÃO

O profissional guineense é médico de clínica geral e veio para Portugal ao abrigo de um programa de cooperação com os Palop.

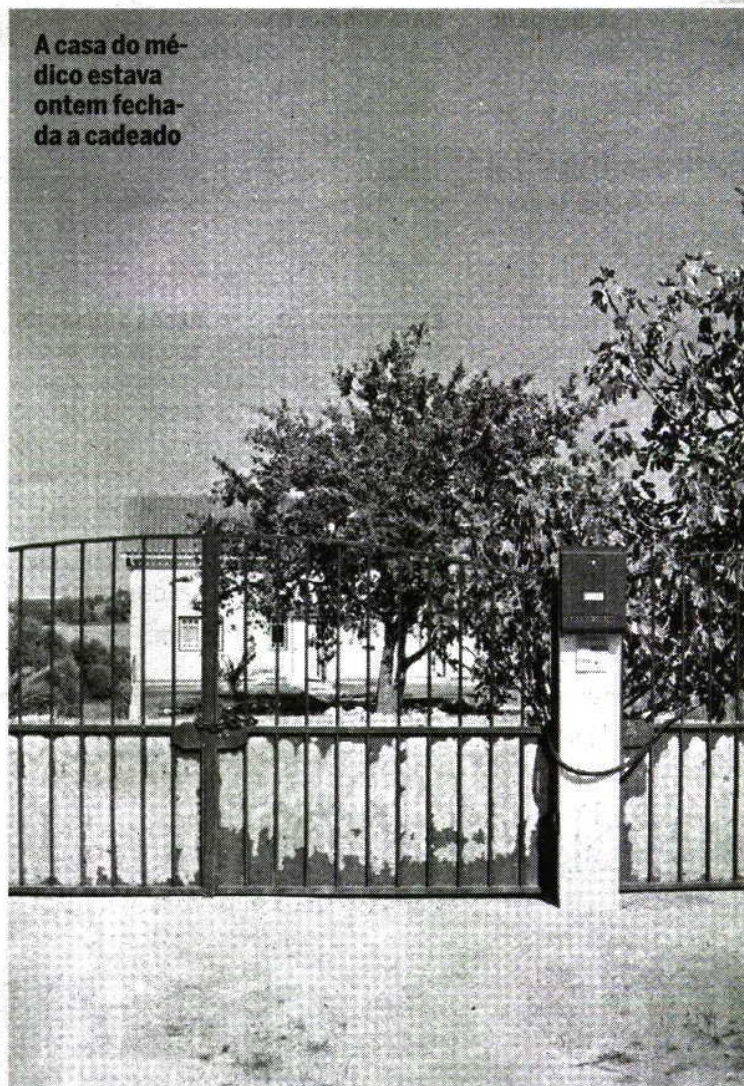
### ● FOI SOZINHO

O médico deslocou-se sozinho da Romeira ao Hospital de Santa Maria, onde deu entrada pelos seus próprios meios. Não disse em que hospital trabalhava.

### ● CASA FECHADA

A casa onde a agressão ocorreu estava ontem fechada a corrente e cadeado. Estava vazia.

A casa do médico estava ontem fechada a cadeado



contou que o golpe foi feito pela jovem que teria 'adoptado' na Guiné.

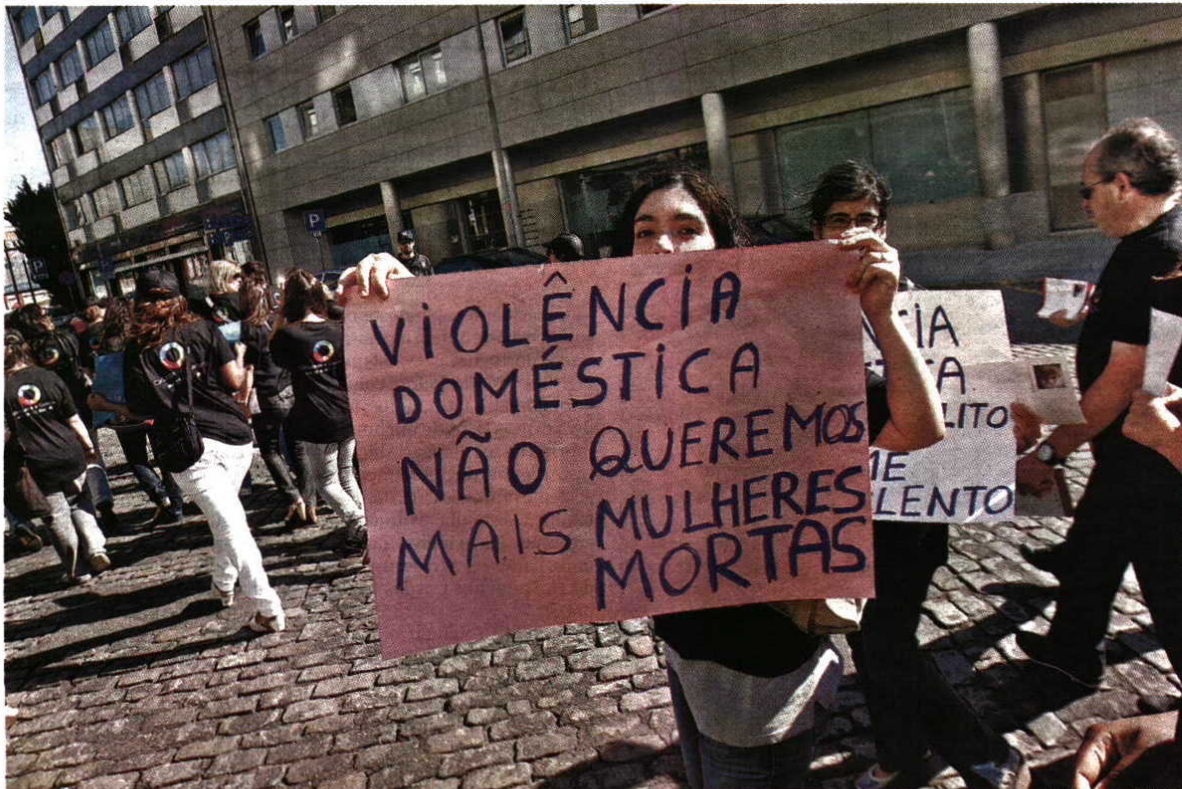
Na pequena aldeia do concelho de Santarém onde ambos residem, os habitantes pouco ou nada conhecem das rotinas do médico. Dizem que só o viam passear de carro e poucos sabiam que habitava uma jovem na sua casa – uma venda num monte que está afastado do centro da povoação. “Ele parece uma pessoa simpática e reservada, mas nunca frequen-

tou cafés aqui na Romeira e também não fez amizade com qualquer morador”, disse ao CM um residente, que pede para não ser identificado.

## Vítima foi ao hospital mas não apresentou queixa

Oficialmente, o comando da GNR de Santarém afirma não ter recebido qualquer participação acerca deste caso, mas o CM apurou que o médico esteve ontem de manhã no posto a tentar saber para onde tinha sido levada a jovem. Acabou por sair sem apresentar qualquer queixa-crime pela agressão. ■





Grande parte dos homicídios cometidos por mulheres ocorrem num contexto de violência doméstica

# Mulher que matou marido à porta do Registo fica presa

**Medida.** É raro uma mulher ser presa preventivamente quando alega ser alvo de violência doméstica. Leia, porém, ia para a conservatória com uma caçadeira dentro da mala

RUTE COELHO

Leia Oliveira, a cidadã brasileira de 33 anos que terá matado o marido a tiro à porta da Conservatória do Registo Civil de Almada, na sexta-feira à tarde, depois dele se recusar a dar-lhe o divórcio, viu ontem à tarde o juiz de instrução criminal decretar-lhe a prisão preventiva, estando indiciada pelo Ministério Público por homicídio qualificado, apurou o DN com fonte policial. É raro, porém, uma mulher que alegou ser vítima de violência doméstica reiterada ver-se indiciada pelo crime de sangue com a moldura penal mais elevada. O homicídio qualificado é punido com uma pena de 12 a 25 anos de prisão. Mas este caso é mais complexo.

"Uma mulher que mata o marido comete homicídio qualificado, mas esse é um mero indício. Em concreto, as mulheres vítimas de violência doméstica que agem sob 'compreensível emoção violenta' contra o marido agressor acabam por ficar indiciadas por homicídio privilegiado, punido com uma pena de um a cinco anos de prisão", explicou fonte judicial ao DN.

O caso da brasileira Leia Oliveira não se inserirá neste quadro que diminui sensivelmente a culpa por dois motivos, segundo a mesma fonte. Primeiro, porque Leia terá assassinado o marido por um "motivo fútil" – a recusa dele em dar o divórcio –, segundo, porque se deduz por já trazer a caçadeira de canos serrados na mala quando se dirigiu com o marido, sexta-

feira, à Conservatória do Registo Civil de Almada.

Presente ontem à tarde ao juiz de instrução criminal do Tribunal de Almada, Leia Oliveira não terá conseguido fundamentar bem as alegações que fez às autoridades de ter sido vítima reiterada de violência doméstica.

Das 51 mulheres a cumprir pena por homicídio em Portugal, a maior parte matou o marido ou

o companheiro após anos de desespero como vítimas de agressão conjugal, refere o diretor geral dos Serviços Prisionais (ver caixa).

## "Frieza de ânimo"

O homicídio qualificado, crime pelo qual deverá vir a responder a cidadã brasileira Leia Oliveira em sede de julgamento, indica que o autor do crime agiu com "frieza de ânimo" e em circunstâncias de es-

## 3 PERGUNTAS A...

### "Maior parte das condenadas matou o marido"



**RUI SÁ GOMES**  
Diretor-geral dos Serviços Prisionais

### O homicídio mais praticado por mulheres surge na sequência de violência doméstica?

Continua a ser. A maior parte das reclusas que cumprem pena por

homicídio mataram os maridos, em muitos casos após anos de desespero como vítimas de violência doméstica.

### Há poucas, então, condenadas por homicídio qualificado?

Não é frequente estas mulheres serem condenadas por homicídio qualificado (que prevê uma pena de 12 a 25 anos). Mesmo quando são condenadas por homicídio simples, a pena de 8 a 16 anos de prisão pode ser graduada. Isto porque muitas vezes a culpa é atenuada por terem sido vítimas durante muito tempo. Estas mulheres adaptam-se

### bem ao ambiente prisional?

Sem dúvida. São presas com bom comportamento, de uma forma geral. As pessoas detidas por homicídios conjugais, homens ou mulheres, só cometem esse crime uma vez. Tendem por isso a manter uma vida normal na cadeia. As mulheres são colaborantes e integradas, pouco conflituosas. Diria que é mais frequente ver condenadas jovens, ou com mais idade por este crime? É mais frequente que mulheres com mais de 40 anos matem o marido ou companheiro, essa tem sido a tendência.

## NÚMEROS

### HOMICÍDIO

► **9,4%** do universo prisional feminino (545 reclusas) cumpre pena por homicídio nas duas cadeias femininas do País, Tires (Cascais) e Santa Cruz do Bispo (Porto). Dessas 51 mulheres (43 portuguesas e 7 estrangeiras), a maioria matou o marido ou companheiro. Estes homicídios habitualmente seguem-se a anos de violência doméstica.

### VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

► **1,1%** da população prisional masculina (113 reclusos em 10 310) cumpre pena por violência doméstica nas cadeias nacionais. Em comparação, há apenas três mulheres, de origem portuguesa, a cumprir pena pelo crime de violência doméstica, o que corresponde a 0,6% do universo prisional feminino (545 reclusas).

### AGRESSÕES

► **3,2%** de 10 310 homens presos cumpre pena por ofensas à integridade física (334). Há nove mulheres a cumprir pena por esse crime, 1,7% das 545 reclusas.

pecial "censurabilidade ou perversidade". Segundo adiantou a mesma fonte judicial, as mulheres vítimas de violência conjugal que assassinam os companheiros têm muitas vezes a pena atenuada em julgamento. "Os fatores que funcionam como atenuantes são: haver queixas por violência doméstica ou, em alternativa, haver testemunhas que corroborem que essa mulher foi vítima de agressão reiterada", refere fonte judicial.

Outra situação também possível é a de uma mulher que matou o marido agressor alegar legítima defesa. "Quando se consegue provar que a morte do marido aconteceu de facto em legítima defesa, a mulher não é acusada de nada". A legítima defesa "é uma causa de exclusão da ilicitude".

Maria Ribeiro, de 49 anos, uma mulher que foi detida a 22 de junho pela PJ do Porto por suspeita de ter assassinado o marido com um tiro na cabeça, num quadro de violência doméstica, deixando-o nu na cama, alegou, precisamente, legítima defesa, segundo noticiou então o JN. Terá dito que se assustou quando viu que o marido tinha uma arma e conseguiu agarrá-la, disparando o tiro fatal.

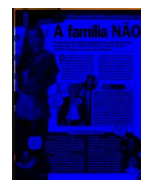
A presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Joana Marques Vidal, defende que "é preciso encontrar modelos de avaliação de risco mais eficazes para evitar casos destes, que resultam em homicídio". A tónica é sempre na prevenção.

Os casos ao contrário, de mulheres mortas por maridos agressores, têm estado a acontecer à média de quatro por mês este ano.









CLIC

FAMOSOS

VIPs escondem famílias problemáticas, mas

# A família NÃO

Os famosos bem tentam resguardar a sua vida privada, mas, muitas vezes, **É A PRÓPRIA FAMÍLIA A DEIXÁ-LOS EM APUROS**. Conheça os casos mais evidentes.

Textos: Luis Correia; Fotos: Impala

**D**IZ o ditado que “em boca fechada não entra mosca”. Há ainda outro que defende que “uma pessoa por ter boca não tem de estar sempre a falar”. Porém, para as famílias de várias figuras públicas nenhum dos dois se aplica e, por mais que as próprias tentem, não conseguem fazer com que os seus parentes

se mantenham em silêncio. Nem que lhe calam os parentes... na lama das histórias que contam. Os exemplos que se seguem são prova disso e são dignos de inspirar a criatividade de um qualquer autor de novelas com ambições a ganhar um Emmy. E, a avaliar pelo que se vai fazendo na ficção nacional, bem podem começar a inspirar-se no que publicamos de seguida.

Mãe **SOFRE**

O caso de **FLORBELA QUEIRÓS** é diferente de todos os outros relatados nestas páginas. Foi a atriz quem denunciou o lado mais negro da sua vida, ao contar que sofria agressões físicas da nora perante o olhar indiferente do filho, **MANUEL**, que acusa de ficar a rir e não fazer nada. A atriz, de 69 anos, contou também que foi proibida de sair do quarto. Depois disto e de várias queixas na Polícia e na APAV, Manuel veio negar tudo e dizer que a mãe é que não estava bem. Como se os maus-tratos deixassem alguém nas suas perfeitas condições...

O MEU FILHO GRITOU: "CONGELA!" E NÃO ME MEXO HÁ DOIS DIAS...

O **CALVÁRIO** Abreu

O processo de divórcio entre **LUCIANA ABREU** e Yannick Djaló é apenas mais um capítulo da novela da vida da atriz e cantora, numa trama que se arrasta há já longos anos. E não houve ninguém da família mais chegada de Lucy que não quisesse falar da vida da estrela de *Floribella*. O pai, **LUÍS CARLOS SODRÉ**, foi dos primeiros a “molhar a sopa”. Não gostou de ver a filha a discursar na Assembleia da República sobre os maus-tratos que ele lhe infligia e chamou-lhe “íngata”. O avô paterno, Carlos, seguiu pelo mesmo caminho. E a partir daqui, o resto da família deu-se a conhecer,

com a mãe, **LUDOVINA**, as tias, e as irmãs de Luciana a darem o seu palpite sobre a vida da jovem e a refutarem as acusações do lado paterno. Contudo, aos poucos, Luciana foi perdendo adeptos e, hoje, até o avô paterno, Luís Sarmiento, lhe virou costas, acusando a neta de o ter abandonado a ele e às duas filhas, com quem Lucy chegou a viver. Quando Lyonice e Lyannii conseguirem falar, teremos o seguimento desta novela, com mais dois testemunhos para apimentarem esta saga já de si condimentada.

QUANDO ELA NASCEU, PENSEI CHAMAR-LHE LUCIFER!





OS PARENTES NÃO SE CONSEGUEM CALAR

# MATA... mas mói



ACREDITEM EM MIM: DAQUI A 50 ANOS, ESTE PUITO VAI CONSEGUIR SER UM BOM ATOR!



## UM DIZ MATA, o outro esfola

**ÂNGELO RODRIGUES** só abordou as suas raízes no Norte quando lançou o seu CD, no qual escreveu a seguinte dedicatória à família: "Mãe e Pai - por não quererem saber, mas por terem dado espaço para acontecer. Mariana - por sempre teres 'bebido' de mim e nunca teres admitido. Renato e Sérgio - gostava de me orgulhar de vocês." E a "bomba" estolrou com a irmã **MARIANA** a acusar Ângelo de ingratidão, na TV 7 Dias. A mãe, **TERESA ARAÚJO**, acrescentou: "Estou muito triste com a atitude do meu filho!" Descobriu-se que o ator quis esconder os problemas com o álcool do pai, **ÂNGELO ARAÚJO**, e as dependências das drogas dos irmãos **SÉRGIO** e Renato. Se soubesse o que sabe hoje, só teria escrito as letras das canções!



## A "lei da ROLHA"

**CRISTIANO RONALDO** pode andar tristonho com os impostos em Espanha - então se vivesse por cá(!) -, mas podia ser pior. Ao fim de alguns anos a tentar colocar fim aos debates familiares sobre a sua vida na imprensa, com as irmãs **CÁTIA** e **ELMA AVEIRO** e a mãe, **DOLORES AVEIRO**, entre as principais interlocutoras, o CR7 lá conseguiu que a "lei da rolha" imperasse. Ainda assim, aqui e ali vão saindo histórias sobre o resto da família, como a que a TV 7 Dias publicou este verão sobre a avó paterna, que se encontra acamada. Os familiares do lado paterno acusam o jovem de não a visitar. O pior, contudo, é calar os *affaires* e as ex-namoradas, com a espanhola **Nereida Gallardo** a dar uma alfinetada no jogador sempre que pode. Talvez por isso se tenha apaixonado por **IRINA SHAYK**, a sua namorada russa. E que a língua pode ser uma barreira, mas, neste caso, ainda pode vir a dar jeito.

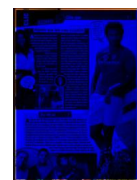
BOLAS, NÃO FUI AO MULTIBANCO PARA POR DINHEIRO NA MÃO DA IRINA!



E A PERGUNTA É: COMO É QUE A MALA DA MINHA MÃE SE AGUENTA NO AR?

(Continua na página seguinte)





CLIC

FAMOSOS



Clãs que NÃO DÃO JEITO NENHUM!

(Continuação das páginas anteriores)

## Alguém que fale com ALGUÉM

A vida da Francisca de Doce Tentação seguia tranquila ao lado de Nuno Janeiro, o ex-namorado, até ao dia em que o seu crescimento no seio de uma família desavinda foi tornado público. **SOFIA RIBEIRO** ainda tentou explicar a sua relação com a mãe, Maria Salomé, com quem andou a viver em pensões, e com o pai, **JORGE BARROS**, e o facto de este lhe ter dado o nome apenas quando ela tinha dois anos. A atriz tentou também ex-

plicar a relação com os dois meios-irmãos, Pedro e Carla, e com a irmã mais nova, **TÂNIA**. E até conseguiu estancar o excesso de informação. Chegou o namoro com Ruben Rua e o casamento com este, em setembro de 2011... e a posterior separação (entretanto reataram). Recentemente, tem-se visto impotente para travar uma família que voltou a dar que falar. Tânia pediu ajuda à irmã e esta pagou-lhe o bilhete para ir trabalhar para a Irlanda.

Só que isto não chegou e Tânia acusa agora Sofia de não a ajudar nas dificuldades financeiras. O pai tem-se visto envolvido em brigas com os vizinhos, dívidas e mais uma separação. E quem paga a fatura? Sofia, o elo mais famoso da família, que entretanto se meteu no avião com Ruben para tentarem, mais uma vez, entender-se.



JÁ NÃO VEJO GRANDES PROBLEMAS NO HORIZONTE, MAS É MELHOR NÃO OLHAR PARA TRÁS...



## Ou vai ou ROCHA!

A vida do ator de *Fina Estampa* (SIC) não tem sido fácil. Orlundo de uma família humilde e criado na Casa do Gaiato de Setúbal, **PAULO ROCHA** cedo se viu privado da vida familiar e encontrou no encenador José Costa Reis o seu porto de abrigo, referindo-se a ele como pai adotivo. E a família paterna não gostou, nomeadamente **JOSÉ ROCHA**, o seu pai biológico - falecido há dois anos -, tanto que envolveram-se em trocas de galhardetes, numa discussão que se alongou à sua tia paterna, Graça Rocha, que o atacou na praça pública. A TV 7 Dias descobriu a mãe do ator, que trabalha em Londres, e o bate-boca prosseguiu com **MARIA ANTÓNIA** a defender o filho do ex-marido e da esposa deste, dizendo que ambos ficaram com o dinheiro que mandou para o ator durante o tempo em que Paulo Rocha viveu com eles. De há algum tempo para cá a família calou-se e Paulo respirou de alívio...





**APAV LANÇA CAMPANHA  
NAS UNIVERSIDADES**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a promover uma campanha de prevenção da violência sexual no ensino superior. O projeto "Unisexo" alerta para a "desvalorização do sexo forçado nas relações de intimidade e dos atos sexuais menores (como toques e beijos forçados),

os consumos de bebidas alcoólicas e outras substâncias aliado ao ambiente de festividade, liberdade e excessos usuais nas festividades académicas". Segundo a APAV, estes "são fatores que podem levar a que muitas das vítimas não denunciem e nem sequer percecionem estes atos como crime". A ação será divulgada com maior incidência nas festas académicas de Coimbra: Festa das Latas de 2012 e Queima das Fitas de 2013. "Depois do não, para. Respeita a vontade dos outros. A violência sexual é crime" é a principal mensagem desta campanha.





## Homicídios proliferam no contexto conjugal

DR



**Armas brancas** foram usadas na maioria dos crimes em 2011

**MULHERES** Um terço dos homicídios registados ocorrem em contexto conjugal, foi ontem revelado no seminário “Morrer no feminino: da Prevenção à Intervenção”, promovido pela Escola de Polícia Judiciária.

Elizabete Brasil, da União de Mulheres Alternativas e Resposta, revelou que, este ano, já foram registados 33 homicídios e 31 tentativas de homicídios. Em 2011 foram assinaladas 27 mortes e 44 tentativas.

O observatório da UMAR contabilizou ainda um total de 66 vítimas associadas (directas e indirectas), 14 das quais nos homicídios e 52 nas tentativas.

Entre 2004 e 2011, foram assassinadas 278 mulheres. Mais de metade (52%) dos homicídios em 2011 foram praticados com arma branca, 33% com arma de fogo, 7% com outros objectos, como pás e machados, enquanto 8% das mulheres foram assassinadas por asfixia e estrangulamento. ◀



## histórias

Texto Vanessa Fidalgo

## Os homens também sofrem em casa

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NÃO É UM EXCLUSIVO DAS MULHERES.  
ELES TAMBÉM SÃO VÍTIMAS E DENUNCIAM CADA VEZ MAIS OS ABUSOS

**M**anuel, 43 anos, natural de Setúbal, acha que foi vítima de maus tratos infligidos pela mulher desde o início do casamento, que durou 11 anos. 'Acha' porque, na realidade, só depois de falar sobre o sofrimento dos seus dias com um técnico da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) percebeu que os problemas do seu casamento tinham um nome: violência doméstica. Mas neste caso, que está longe de ser único, a vítima era ele, o homem; a agressora era ela, a mulher.

"Ela insultava-me na presença de outras pessoas, até dos nossos filhos. Mas a situação agravou-se muito quando fiquei desempregado. Aí passei a ser a empregada de casa. Ela controlava tudo o que eu fazia. Um dia pôs-me fora do quarto de casal e a partir daí passei a dormir na sala. Sentia-me a pior das pessoas. Dos homens. Eu, que a amava tanto. Nem pelos nossos filhos ela parava.

Chegou a maltratar-me fisicamente. Deu-me uma vez uns socos e eu nada. Depois, atropelou-me", recorda Manuel.

E só quando o carro da família lhe passou por cima, os outros reconheceram que havia ali um problema sério: "A minha família achava que eu devia agradecer a minha ex-mulher para lhe ensinar o que é um homem. Mas nunca o fiz e isso valeu-me o desprezo do meu pai e dos meus irmãos. Só acreditaram no dia em que ela me atropelou e fui para o hospital por duas semanas", recorda.

Ao longo de 11 anos em que as agressões foram sempre crescendo, o que mais o magoou não foram as feridas do corpo. "Tentei conversar várias vezes com ela, mas não valia a pena, porque ela gritava que eu a agredia e depois ria-se. Chamava-me coisas horribéis, em especial em frente aos nossos filhos. Sempre que eu tentava pará-la, ela gritava que eu a fazia sofrer e que ninguém acreditava em mim", confessa.

Manuel, classe média-alta, está separado há três anos e



**"Eles ainda acham que as instituições não estão preparadas para os apoiar"**

**"A crise não agrava a violência. Pode é dificultar a autonomização da vítima"**

**Daniel Cotrim**  
psicólogo da APAV

prestes a refazer a sua vida ao lado de outra pessoa. Mas não foi fácil. Aos filhos vai explicando que "o problema era dos adultos, mas que a mãe era a melhor do mundo". Para que cresçam a acreditar que a família não é um campo de batalha.

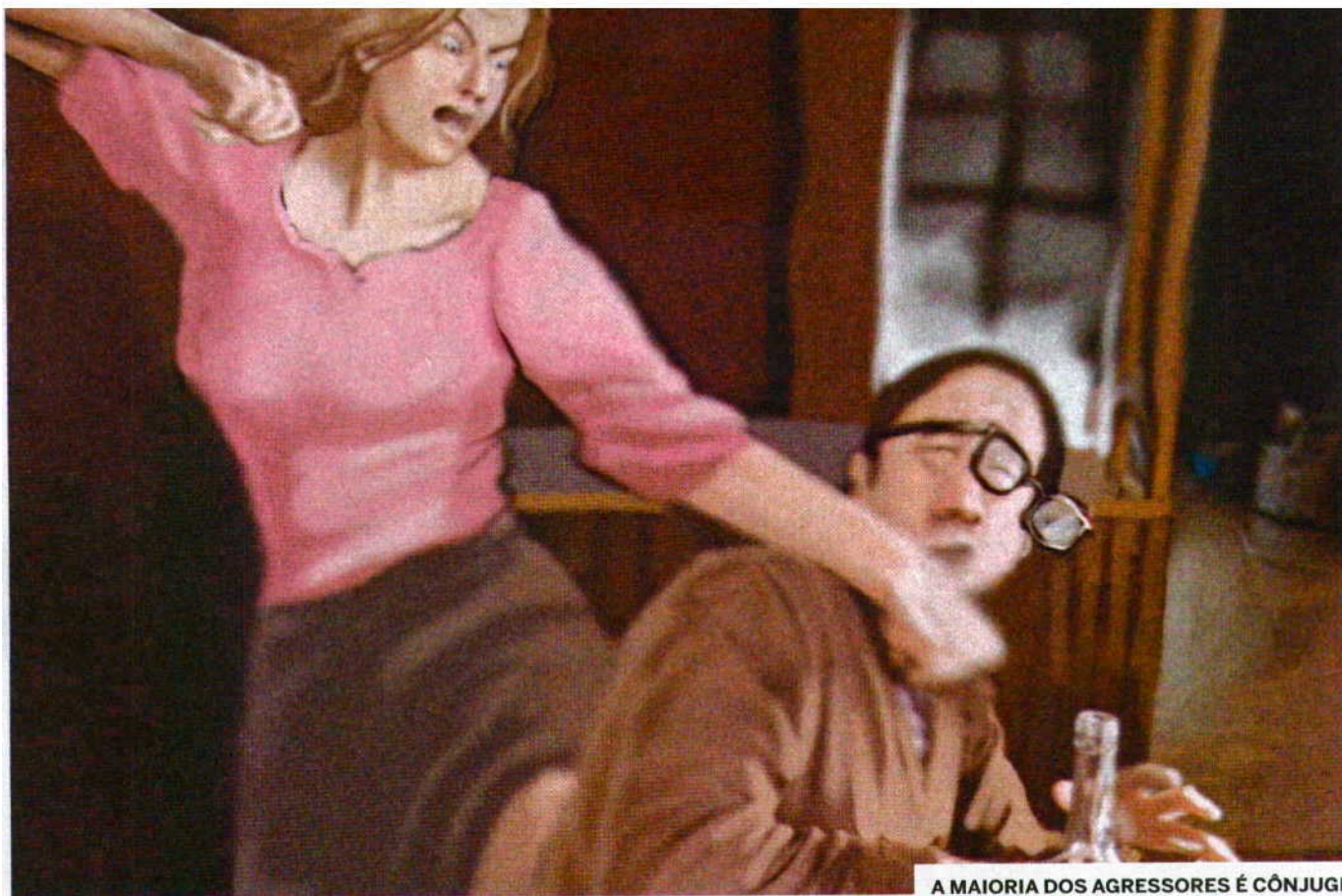
Manuel saiu de casa com a ajuda da Associação de Apoio à Vítima (APAV), à qual recorreu depois de ver na comunicação social uma entrevista com um dos técnicos sobre outros casos como o seu. Do lado de lá da linha atenderam-lhe o telefone e convenceram-no a aparecer na associação, para receber sobretudo apoio psicológico. "Precisava de falar e falei muito. Às vezes chega isso para vermos onde estamos metidos", garante.

**Fim trágico**

Menos sorte teve Fernando Freitas, 75 anos. A notícia da sua morte, em Novembro do ano passado, teve honras de primeira página nos jornais.

Fernando morreu na rua de Vila Chã, Vale de Cambra (São João da Madeira), à porta da moradia onde sempre viveu ▶





RICARDO CABRAL

**A MAIORIA DOS AGRESSORES É CÔNJUGE**



JOSÉ BARRADAS

**ELES SÃO JÁ 16 POR CENTO DAS VÍTIMAS QUE A APAV RECEBE ANUALMENTE**





## histórias

► com a mulher e onde, segundo os vizinhos, as discussões eram constantes.

Um mês antes da morte, os bombeiros voluntários de Vale de Cambra foram chamados para transportar Fernando ao hospital, devido a uma agressão mútua que lhe causou escoriações graves.

Razões de ordem económica, alvitrou a vizinhança, estariam na origem dos desentendimentos frequentes entre o casal – que era proprietário da empresa Almeida e Freitas, em Vale de Cambra, do ramo da comercialização de embalagens metálicas e de alumínio – e que estaria a atravessar uma grave crise financeira.

Daniel Cotrim, psicólogo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, discorda, porém, que o argumento da crise seja apontado como responsável pelo aumento dos números negros da violência doméstica em Portugal. “O que a crise pode trazer é mais dificuldades às vítimas em autonomizarem-se. O que existe agora é mais denúncias, porque a problemática também está a ser mais divulgada, bem como a acção da associação”, justifica.

Naquele dia, ninguém sabe

explicar o que levou Fernando a colocar-se em cima do capô do carro da mulher para a impedir de se deslocar a uma consulta médica. Sabe-se apenas que ela pôs o carro em marcha e mesmo com a vítima caída à sua frente, no chão, acelerou e passou-lhe por cima. Os ferimentos graves de Fernando Freitas foram-lhe fatais.

Em seguida, Maria Alice Almeida, 71 anos, entrou em casa e tentou suicidar-se. Nunca deu qualquer justificação para o seu acto.

### Morte é frequente

Segundo os últimos dados da PSP sobre esta temática, um terço dos homicídios registados anualmente ocorrem em contexto conjugal. Das 8693 vítimas de crime que recorreram aos serviços da APAV em 2011, 16 por cento eram do sexo masculino, ou seja 1390 vítimas.

Casos como o de João F., de Coimbra, que também conseguiu escapar a um casamento violento, mas só depois de ver os filhos criados.

“A minha mulher sempre foi muito instável psicologicamente. Teve uma infância complicada, sofreu maus tratos, viu o pai morrer. Nos últi-

## Vítimas

A esmagadora maioria das vítimas (91,4 por cento) tem nacionalidade portuguesa.

## Crimes

As ofensas à integridade física simples (49,8%) e os crimes de maus tratos (21,2%) lideram.

## Queixas

Cerca de 58 por cento das vítimas assistidas pela Associação de Apoio à Vítima apresentaram queixa à polícia.



MARIA JOÃO MARQUES

## Casos de famosos também vêm a público

O ex-‘James Bond’ Roger Moore, actor inglês de 84 anos, revelou recentemente que foi vítima de violência conjugal nos dois primeiros casamentos. A primeira mulher, a patinadora Doorn Van Steyn, agredia-o com um bule de chá e arranhava-o. A segunda “tinha muito mau feitio” e, um dia, chegou a atirar-lhe uma guitarra na cabeça. Dorothy

Squires era de tal forma violenta que chegou mesmo a esmurrar o médico pessoal do actor, respondendo em tribunal pelo caso. Mas Roger Moore não está sozinho. Em Portugal, o jovem João Mota, modelo que se tornou conhecido no programa ‘Casa dos Segredos’, também confessou ter sido continuamente agredido pela namorada.



ROGER MOORE



JOÃO MOTA





MARIA ALICE ALMEIDA ATROPELOU MORTALMENTE O MARIDO EM VALE DE CAMBRA

mos anos, ela até ia às vezes ao psicólogo, mas nunca melhorou porque tão depressa ia como deixava de querer ir. Eu, por causa disso, sempre lhe fui desculpando tudo e sempre tive esperança de que ela melhorasse e mudasse", conta o ex-comerciante, de 56 anos.

Agora João está desempregado. Ou melhor, ficou desempregado no momento em que assinou o papel do divórcio, pois durante 23 anos de casamento trabalhou sempre no negócio da família dela, uma mercearia. E era lá que muitas

**"Depressão, baixa auto-estima e problemas psicossomáticos são comuns"**

**Daniel Cotrim**  
psicólogo da APAV

**"Não saí mais cedo porque não queria deixar os meus filhos"**

**João F.**  
vítima

das cenas de pancadaria aconteciam. "Quando ela estava mais agastada ou mais nervosa atirava com tudo ao ar. Chegou a partir uma caixa registadora. Uma vez, tive de levar 16 pontos na cara, porque atirou-me com um peixe congelado à cara", recorda João. Em casa era diferente, talvez pela presença dos três filhos do casal: "Ela tentava controlar-se mais à frente deles, mas era muito dominadora e arranjava sempre argumentos para provocar discussões. Discutíamos muito. Não era bom para ninguém, mas sempre

achei que não devia deixar os meus filhos sozinhos." Até ao dia em os filhos já estavam crescidos e João F. se cansou e bateu com a porta de vez, apoiado por uma irmã, com quem vive actualmente.

"Depressão, baixa auto-estima e problemas psicossomáticos" são os principais sintomas da vítima e eles, tal como elas, têm grande dificuldade em perspetivar a saída do lar "por causa dos filhos e pela ideia de que tudo pode melhorar", afirma o psicólogo da APAV.

Quando as vítimas são eles, a▶





## histórias



PARA DEFENDER OS IRMÃOS, HUGO CORREIA ALVEJOU O PAI (VER CAIXA)

► vergonha esconde mais os rostos das histórias. “Os homens ainda sentem muita vergonha de falar deste tipo de situações e, sobretudo, acham que as instituições não estão preparadas para os receber e apoiar. Mas a verdade é que já estão bastante sensibilizadas para este tipo de vitimação que não é assim tão incomum”, as-

## Mortes

Em Portugal, um terço dos homicídios acontece dentro do contexto familiar.

segura o especialista.

Nem sempre a violência doméstica é perpetrada pelo cônjuge, apesar deste ser o caso mais comum.

Almerindo T., 84 anos, viúvo, passou a viver com o filho e com a nora desde que sofreu um AVC e ficou com a sua autonomia comprometida. A situação não era do agrado da nora, e Alme-

rindo conheceu essa triste realidade na pele. “Traste, empecilho, velho jarreta”, chamava-lhe ela. Dizia que ele só existia para lhe complicar a vida. Humilhava-o à frente do filho e dos netos quando tinha de gastar dinheiro em fraldas para a incontinência. Deixava-lhe pão duro e bolachas para o almoço. Durante as férias da família ficava sozinho em casa. Almerindo nunca disse nada a ninguém, nem tão pouco conversou com o próprio filho, porque tinha consciência de que não tinha mais nenhum sítio para onde ir.

O seu suplício durou seis anos, mas a libertação chegou com a possibilidade de entrar para um lar. Quando lá chegou estava “deprimido e desnutrido, não tinha grande vontade de viver. Passava muitas horas calado e sozinho”, conforme recorda a assistente social Carla Martins. Só a muito custo a técnica conseguiu arrancar-lhe a verdade e encaminhá-lo para uma psicóloga. Agora, Almerindo passa 365 dias por ano no lar. Recebe, esporadicamente, apenas a visita do filho. ☺

## Violência numa aldeia de Sintra

A violência doméstica mais frequente é a que tem o homem como agressor. Um dos casos mais recentes terminou em crime na aldeia de Tala, concelho de Sintra, a 16 de Agosto último. Em desespero, Hugo Alves, de 20 anos, pegou na caçadeira do pai e alvejou-o mortalmente, depois deste ter tentado matar os irmãos mais novos. O jovem entregou-se logo na esquadra da PSP do Cacém. Há muito que a tragédia se insinuava no sítio onde José Alves vivia com a mulher e os nove filhos, dos cinco aos 30 anos. A mulher aguentava-lhe as “tareias com o cabo da vassoura, com os punhos, com o que

viesses à mão”, conta Cátia Alves, uma das filhas. Os filhos assistiam e suportavam-lhe a vida errante, os maus tratos físicos e psicológicos: “Estava sempre aos encontrões, a falar-nos mal, a atirar as coisas pelo ar”. Quando estava sóbrio, prometia mudar. Invariavelmente, voltava sempre ao mesmo. Um dia, depois de quase três décadas “a acordar quase todos os dias com os olhos negros”, com o apoio da segurança social, a mãe fugiu finalmente. Terá sido por vingança que guiou o tractor em direcção aos filhos de 13 e 15 anos. Hugo, que assistiu a tudo de uma janela, pegou numa caçadeira.